

# DESENVOLVENDO ASPECTOS PESSOAIS DA RESILIÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE UM CENTRO EDUCATIVO EM NOVOS ALAGADOS<sup>1</sup>

Isabella Politano Maciel Gimenes<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho pretende avaliar aspectos pessoais da resiliência e criar um modelo de intervenção para sua promoção em crianças de baixa renda, junto a uma turma de alunos, de 8 a 10 anos, de um Centro Educativo situado na comunidade de Novos Alagados, na periferia da cidade de Salvador. O modelo trabalhará com teorias que enfatizam a concepção de que cada pessoa tem o poder de interferir nos eventos de sua vida, a partir de suas crenças e atitudes frente à realidade. Acreditando que essas características pessoais – otimismo e controle percebido – possam ser desenvolvidas, o presente estudo propõe-se a testar uma sistemática de avaliação e intervenção, desenvolvendo, descrevendo e avaliando um conjunto de técnicas e procedimentos componentes do modelo a ser proposto. Espera-se que os resultados sejam disponibilizados para o trabalho de educadores de crianças em situação de risco psicossocial, enquanto instrumentos úteis para diagnosticar e desenvolver estilos pessoais favoráveis ao desenvolvimento da resiliência.

## 1. INTRODUÇÃO

A pobreza é universalmente considerada como importante fator de adversidade ao saudável desenvolvimento de crianças e adolescentes, o que justificou o interesse de vários estudiosos em aprofundar seus efeitos, especialmente nessa faixa etária.

Sem dúvida, a miséria econômica impõe limites, acarreta ameaças que aumentam a vulnerabilidade do jovem, expondo-o a riscos excedentes aos previstos em seu crescimento. Riscos de ordem **física** (desnutrição, doenças infecto-contagiosas, carência de condições higiênicas básicas, dificuldade de acesso a serviços de saúde etc), **psicológica** (relações familiares precárias, descuido/abandono, violência doméstica, insegurança, medo...) e **social** (violência nas ruas, fácil exposição à marginalidade, trabalho infantil, atraso ou evasão escolar). Entretanto, a despeito do prognóstico sombrio que os cerca, surpreende perceber que muitas crianças e adolescentes conseguem avançar adequadamente em seu desenvolvimento, minimizando ou superando os efeitos da adversidade. Isso fez com que, a partir da década de 80, o interesse dos pesquisadores se voltasse para conhecer os fatores determinantes na superação da adversidade, as condições que contribuem para favorecer o desenvolvimento de pessoas capazes de resistir, superar e até mesmo crescer na adversidade (ou por causa dela), sendo capazes de desenvolver competências e encontrar alternativas eficazes de adaptação (COSTA). Essa capacidade é denominada **resiliência** e está associada a fatores individuais e ambientais que podem variar ao longo da vida do indivíduo (KOLLER).

Diante do atual quadro de agravamento da miséria, em especial (para nós) na América Latina, que abrange um contingente de pobreza estimado em 200 milhões de pessoas (AMAR, 1994), torna-se primordial conhecer cada vez mais as condições necessárias ao desenvolvimento de indivíduos e grupos resilientes, a fim de que sejam promovidas políticas de intervenção mais eficazes, que possam, ao mesmo tempo, minimizar a exposição dos indivíduos aos riscos, assim

---

<sup>1</sup> Projeto de dissertação para obtenção do título de Mestre em Ciências da Família do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador – UCSal em parceria com o Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família, sob orientação da Professora Dra. Ana Cecília Bastos.

<sup>2</sup> Mestranda do Mestrado em Ciências da Família da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

como estimular seus mecanismos de proteção.

Os fatores de proteção podem ser agrupados em 3 blocos, segundo Masten e Garmezy (*apud* KOLLER, 1985): 1) características de personalidade (atributos pessoais); 2) coesão familiar e ausência de conflitos e 3) Disponibilidade de sistemas externos de apoio.

Grande parte do enfoque sobre resiliência recai nas **relações familiares**, na existência de vínculo positivo da criança com sua mãe, pai ou adulto significativo, capaz de oferecer segurança para atenuar a adversidade à qual a criança está exposta. Outra abordagem, marcadamente presente em programas de intervenção social, coloca o foco nas **redes sociais**, primárias (família, amigos, vizinhos, grupo de pares, professores ou adultos significativos) e secundárias, formadas por instituições, associações (religiosas, educativas e sociais), que oferecem apoio e proteção ao indivíduo, sobretudo quando há desintegração ou inoperância da matriz familiar no cumprimento do papel de amparar seus membros.

O terceiro fator ou mecanismo protetivo, foco principal desse trabalho, diz respeito aos atributos pessoais, inatos e/ou aprendidos, presentes em indivíduos resilientes. Vários estudos realizados apontam as seguintes características pessoais, dentre outras, como favorecedoras de resiliência: maior coeficiente intelectual, empatia, capacidade de experimentar emoções, habilidade nas relações interpessoais, humor positivo, melhores estilos de enfrentamento (coping), auto-estima, autonomia e independência, flexibilidade, iniciativa, **otimismo**, esperança e **controle percebido**.

Dentre tantos aspectos subjetivos e pessoais, este trabalho foca sua atenção no **otimismo** e no **controle percebido** por algumas razões: em primeiro lugar, são teorias desenvolvidas a partir da crença de que cada pessoa pode interferir nos eventos de sua vida, por mais adversos que eles sejam – que nossas expectativas, crenças, decisões e escolhas são atitudes que influenciam os resultados de nossas ações; em segundo lugar, são teorias menos difundidas no meio social e acadêmico e que, de certa forma, englobam outros atributos pessoais de resiliência como humor, competência interpessoal e afetiva, etc.; em terceiro e último lugar, oferecerem metodologia e instrumentos de diagnóstico e de desenvolvimento de atitudes favorecedoras de maior controle, sem apresentarem, no entanto, fórmulas que ensinam “o poder do pensamento positivo”, como enfatiza Seligman (1992). Para ele, o diferencial entre elas está na forma como se lida com o fracasso, no que o indivíduo se diz nesses momentos em que há falhas do controle sobre os acontecimentos.

Uma das teorias escolhidas é a do **controle percebido** ou **percepção de controle**, um dos recursos internos de que dispõe o indivíduo resiliente: a crença de poder influir nos eventos de sua vida, sendo capaz de prever conseqüências e planejar estratégias para a obtenção de bons resultados, com base nas experiências anteriores e na compreensão da relação entre agentes, meios e fins (MAYER, 1998). Segundo essa autora, essa teoria foi desenvolvida por estudiosos como E. Skinner, T. Little e outros, a partir de estudos publicados por Bialer (1961) e Rotter (1969), e apresenta o controle percebido como uma capacidade que as pessoas desenvolvem para poder lidar com os acontecimentos, entender porque e de que forma eles ocorrem, podendo, então, desenvolver uma forma de enfrentá-los.

A Teoria de Controle Percebido busca, portanto, explicar como essas experiências de controle favorecem as crenças, e como estas promovem ou não interação eficaz, vindo a oferecer proteção diante de situações de crise, podendo prevenir fracassos e erros; em contrapartida, baixo controle indica vulnerabilidade pessoal.

Outro estudo afim, contemplado nesse trabalho, é desenvolvido por Seligman (1990), com a teoria sobre **desamparo aprendido**. Através do que ele denomina “estilo explicativo”: uma pessoa atribui determinadas causas aos acontecimentos de maneira geral; quanto mais otimista ela for, atribuindo a si própria, de forma permanente e universal, a responsabilidade pelos bons acontecimentos, mais chances de sucesso ela terá. Da mesma forma, quanto mais ela depositar fora de si, de maneira mais específica e temporária, as causas dos maus acontecimentos, mais ela será considerada otimista, também aumentando suas chances de sucesso.

Assim, Seligman (1992) atribui ao **otimismo** um papel relevante no enfrentamento das dificuldades e apresenta instrumentos de diagnóstico de pessimismo e depressão, além de técnicas e procedimentos para o aprendizado do otimismo e, conseqüentemente, para favorecer o

desenvolvimento de um novo olhar sobre os contratempos da vida e a possibilidade de operar um maior controle sobre eles.

As bases que sustentam a resiliência parecem oferecer uma fundamentação teórica de relevante importância para as situações de vida mais críticas; entre elas, certamente, a condição de pobreza extrema, que pode limitar as chances de desenvolvimento de indivíduos – sobretudo de crianças – alijando-os do direito à liberdade de escolha frente à falta de reais oportunidades para desenvolver suas potencialidades e de realizar seus desejos mais profundos: isso é o que constitui, talvez, o aspecto mais danoso da pobreza, uma vez que envolve o próprio valor da vida e a dignidade do ser humano.

Desenvolver esperança, otimismo e a crença de que cada um de nós é capaz de emergir das crises, se reerguer e transformar a realidade que nos cerca, além de poder determinar a fronteira entre o desamparo e o domínio, pode representar o divisor de águas entre o sucesso e o fracasso. (SELIGMAN, 1992, p 310).

A relevância científica deste trabalho, que está inserido no Projeto Integrado de Pesquisa “Contextos e trajetórias de desenvolvimento: a situação de famílias participantes de projetos sociais<sup>3</sup>, é representada pela possibilidade de construir e validar um modelo de intervenção inovador para incrementar a resiliência, focando os aspectos do otimismo e do controle percebido.

O interesse social deste trabalho é evidenciado pela importância que este modelo de intervenção pode representar pela melhoria de vida de pessoas e comunidades carentes, em específico os jovens do Centro Educativo, ajudando-os a construir uma atitude positiva e construtiva frente à dura realidade que os cerca, lançando-lhe nova luz, a fim de favorecer a construção de sujeitos fortalecidos e capazes de encontrar alternativas eficazes em suas vidas.

## 2. OBJETIVOS

### 2.1 Gerais

- a) Avaliar fatores pessoais de resiliência, com foco em dois de seus aspectos – Otimismo e Controle Percebido – em crianças de 8 a 10 anos do Centro Educativo João Paulo II.
- b) Propor uma sistemática para o desenvolvimento do otimismo e do controle percebido em crianças do Centro Educativo, com vistas a favorecer o incremento da Resiliência.

### 2.2 Específicos

- a) Identificar o nível de Otimismo e Controle Percebido em crianças do Centro Educativo.
- b) Implementar, em parceria com os educadores do Centro Educativo, ações que possam desenvolver nas crianças, atitude de maior otimismo e percepção de controle.
- c) Sistematizar o modelo de intervenção efetuado e apresentá-lo ao Centro Educativo, para que possa ser re-utilizado para outras crianças.

## 3. METODOLOGIA

**Delineamento** - Este trabalho pode ser classificado como uma pesquisa de intervenção, na medida em que, a partir de um diagnóstico, pretende aplicar e sistematizar um modelo, usando uma metodologia de pesquisa-ação.

**Contexto** - A análise vai ser conduzida no Centro Educativo João Paulo II, criado por um projeto da ONG italiana AVSI – Associação de Voluntários para o Serviço Internacional, que

---

<sup>3</sup> Projeto do Departamento de Psicologia da UFBA, coordenado pela prof<sup>a</sup> Dra. Ana Cecília Bastos, com o apoio do CNPq, tendo como um dos parceiros o Mestrado em Ciências da Família da UCSal.

oferece reforço escolar para 300 crianças e adolescentes da comunidade de Novos Alagados, na periferia da cidade de Salvador-BA. Os alunos frequentam da 1ª a 7ª série na escola, com faixa etária compreendida entre os 7 e 16 anos, e apresentam dificuldades e/ou atraso escolar. No período complementar ao da escola, eles recebem reforço escolar e desenvolvem atividades esportivas (jogos, futebol, voleibol, capoeira) e culturais (filmes, eventos, música, pintura), têm acesso à biblioteca e à formação espiritual e de cidadania. Além de duas refeições diárias, contam com atendimento médico, extensivo às famílias.

**Participantes:** a) Crianças de idade entre 08 e 10 anos, de uma turma do Centro Educativo João Paulo II. Essa faixa etária é escolhida por ser intermediária entre a infância e a adolescência, em função da possibilidade da criança ser avaliada quanto às variáveis de estudo. b) Professores, diretora e responsável pedagógico do Centro Educativo com a finalidade de colher informações sobre as crianças, ampliando o conhecimento sobre elas e confrontando os dados colhidos com os resultados obtidos.

### **Etapas, Instrumentos e Procedimentos**

#### **1) Coleta de dados**

- a) submissão ao Comitê de Ética da UCSal / Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família. Preparação de documentos para que os participantes possam dar seu consentimento para fazer parte da pesquisa e disponibilizar dados específicos;
- b) adaptação dos instrumentos existentes (de Seligman e de Skinner) para a criação de um questionário que possa medir o otimismo e o controle percebido em crianças;
- c) aplicação do questionário para medir o nível de otimismo e controle percebidos em dois momentos – antes e depois – da intervenção;
- d) complementação dos dados obtidos nos questionários através de informações colhidas, junto aos educadores do Centro, sobre as crianças.

#### **2) Intervenção**

- a) definição das ações e dos procedimentos a serem implementados no acompanhamento às crianças selecionadas, durante três meses, com o objetivo de melhorar os índices de otimismo e controle percebido;
- b) acompanhamento das crianças e paralelo trabalho de formação do professor responsável pela turma, oferecendo respaldo teórico e metodológico.
- c) apresentação da experiência e seus resultados aos educadores e responsáveis pelo Centro Educativo, disponibilizando o modelo pedagógico construído.

#### **3) Análise de dados**

- a) tratamento e elaboração dos dados obtidos mediante questionários e entrevistas;
- b) comparação dos níveis de otimismo e controle percebido antes e depois da intervenção;
- c) sistematização do modelo de intervenção.

## **5. REFERÊNCIAS**

Amar, A. J., Pobreza, Resiliência Y Aprendizaje Infantil. Disponível em:  
<[www.worldbank.org/children/nino/basico/Amar.htm-66k-pg89](http://www.worldbank.org/children/nino/basico/Amar.htm-66k-pg89).

Costa, A.C.G. Pedagogia e Resiliência I. - A Resiliência na Visão de um Educador. “s.n.t.”. (apostila).

Frankl, V.E. Em busca de um Sentido. 15. ed. Um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo, Sinodal; Petrópolis, Vozes, 2002. 136p.

Hutz, C.S., Koller, S.H.& Bandeira, D.R., Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. Coletâneas da ANPEPP, 1,12, 1996. pp.79-86.

Koller S.H. & Hutz, C. S. Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. Coletâneas da ANPEPP, 1, 1996.pp. 11-34.

Koller, S.H. et al, Uma Família em Situação de Risco: Resiliência e Vulnerabilidade. 11p. "s.n.t."(apostila).

Koller, S.H., Meninos e Meninas em Situação de Rua e Escola, CPG Psicologia – UFRGS.

KOTLIARENCO, M. A.; CÁCERES, I.; FONTECILLA,M. Estado Del Arte em Resiliência. Organización Panamericana de la Salud; Organización Mundial de La Salud; Programa de Salud Integral del Adolescente. Fundación W. K. Kellogg. 52p.

Masten, A . S. & Garmezy, N. Risk, Vulnerability, and protective factors in developmental psychopathology. In: Hutz, C.S., Koller, S.H. & Bandeira, D.R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. Coletâneas da ANPEPP, 1,12,1985.pp.79-86.

Mayer, L. R. Controle Percebido e desempenho acadêmico de crianças de nível socioeconômico baixo. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, RGS: UFRGS Brasil, 1998.

Seligman, M., **Aprenda a Ser Otimista**. Rio de Janeiro: Record, 1992, 383p.

Seligman, M. **Helplessness**: On depression, development, and death. San Francisco: Freeman, 1975.

Sen, A. **Desigualdade Reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 297p.